

De Pedro I a Vladimir Putin: Visão sinóptica da evolução do debate sobre a identidade nacional russa | From Peter I to Vladimir Putin: Synoptic vision of the evolution of the debate about russian national identity

Tiago Ferreira Lopes

Investigador no Instituto do Oriente e Professor Auxiliar e Coordenador de Licenciatura no Departamento de Ciências Sociais e Estudos Gerais, Institute of Business Administration, Carachi, Paquistão. Institute of Business Administration, Main Campus, University Road, Aman CED, Room 206 Karachi, Pakistan, 75270, talopes@iba.edu.pk.

Resumo:

“Em menos de 200 anos [1353-1533] os russkye passaram de herdeiros de um principado a senhores de um império em permanente expansão” (Lopes, 2015, p. 143). O objectivo do presente artigo é mais o de fazer o mapeamento histórico-conceptual dos debates sobre a identidade nacional russkye do que o de alcançar uma compreensão simbólico-cultural do mesmo conceito. Na primeira parte iremos olhar para os diferentes entendimentos sobre o projecto nacional que emerge no período Imperial (1721-1917). Na segunda parte iremos explorar a ideia de um espaço comum a-nacional e a construção de projectos etnonacionais pelos Soviéticos (1917-1991). Na terceira parte iremos olhar para a Identidade Nacional Russa no espaço que medeia entre o colapso da União Soviética e o fim da catastroika (1991-1999). Na última parte olharemos para a influência crucial de Vladimir Putin no debate sobre a Identidade Nacional Russa (1999 - em curso) e no modo como tem operado uma transformação revanchista que recupera a Nacionalidade Oficial de Uvarov, fundida com o messianismo eurasiático da União Soviética.

Palavras-chave: *Identidade Nacional, Nação, Rússia, Eslavofilismo, Eurasianismo.*

Abstract:

“In less than 200 years [1353-1533] the russkye went from heirs of a principality to overlords of an ever expanding Empire” (Lopes, 2015, p. 143). The goal of this article is to map out the historical-conceptual debates surrounding russkye’s national identity instead of reaching a symbolical-cultural understanding of this concept. This article intends to map out the evolution of the debates surrounding Russia’s National Identity. In the first part we will look to the different understandings of national project emerging during the Empirical phase (1721-1917). The second part will explore the idea of a common a-national space and the building up of ethnonational projects by the Soviets (1917-1991). The third part of the article will look into Russia’s National

identity between the collapse of the Soviet Union and the end of the catastroika period (1991-1999). The final part of the article will look into Vladimir Putin's overwhelming influence on the debate regarding Russia's national identity (1999 - ongoing) and how it has operated a revanchist transformation that recovers Uvarov's Official Nationality blended with the Eurasian Messianism of the Soviet Union.

Keywords: *National Identity, Nation, Russia, Slavophilism, Eurasianism.*

A identidade nacional na era dos czares [1800-1917]

É uma missão de alto risco tentar compreender a evolução da identidade nacional da Federação da Rússia, tanto mais porque nos debruçamos sobre uma entidade que é em si plural. Neste sentido, é conveniente termos presente a percepção de que o “sentimento de identidade nacional é um poderoso meio para definir e posicionar pessoas individuais no mundo, através do prisma da personalidade colectiva” (Smith, 1997, p. 31), ou seja, através de um agregado sociocultural que, pela sua natureza, se sobrepõe à soma das várias personalidades individuais nele agregadas. Podemos depreender que a identidade nacional é uma construção artificial “que não é arquitectada pelas nações. [A identidade nacional] é produzida, ou melhor é induzida, por campos políticos específicos” (Brubaker, 2009, p. 17) com interesses particulares, como sejam a garantia de lealdade para com a elite política, ou a criação de uma comunidade artificial que se irá perpetuar através de um conjunto de elementos proto-simbólicos e de mitos de descendência.

A construção da identidade nacional num espaço plural como o da Federação da Rússia obedece a uma lógica um tanto ou quanto divergente. O elemento plural, que também se pode traduzir como complexidade, altera as dinâmicas de construção identitária em curso. Refira-se que o início dos debates intensos sobre a definição de uma ideia de *russkaya natsiya* (русская нация: nação russa) ocorre em pleno século XVIII com a estabilização gradual das fronteiras imperiais¹, dentro das quais se agregam inúmeras identidades colectivas distintas. O mote para as discussões em torno

¹ Convém referir que o Império Russo só teria as suas fronteiras definidas na segunda metade do século XIX, uma vez que a conquista do Cáucaso terminou apenas em 1864 e os khanatos/Emiratos da Ásia Central apenas se tornam protectorados em 1873

da identidade nacional *russkye*² começa, logo, em 1702 com a redacção do *Manifesto de Abril* do czar Pedro I “grande reformador que deu à Rússia um novo ‘corpo’, preparado para uma nova alma” (Alexander, 2009, p. 101).

Nos anos seguintes o debate prossegue com ideólogos, pensadores e intelectuais da corte imperial russa a dividirem-se em duas alas: ocidentalistas e eslavófilos. Os primeiros defendiam uma aproximação ao ocidente, olhando para a Rússia como um Império de tipo Ocidental próximo do Império Austro-Húngaro (sobre a batuta dos Habsburgo) e do Império Alemão (regido pelos Hohenzollern), sendo importante ressaltar a influência (tanto no czar como em vários membros da corte) da viagem empreendida por Pedro I, sob o epíteto de *Grande Embaixada*³.

Os ocidentalistas dominaram o debate até ao final do século contando com o apoio de todos os czares compreendidos entre o reinado de Pedro I (1682-1725) e Catarina II (1762-1796), apresentando, para o efeito, inúmeras propostas que justificavam os seus argumentos, como foi o caso da ideia de Tatishchev, geógrafo da corte, que pretendia reformular o mapa estendendo as fronteiras da Europa até aos Montes Urais de modo a incluir no *Velho Continente* grande parte do Império dos Romanov. O objectivo central desta ala era o de justificar e validar as credenciais do Império Russo como sendo um estado Europeu, nem que para tal se tivesse que transformar de modo profundo o Império⁴, dado que a Europa era equacionada como sendo um espaço de progresso, evolução, domínio internacional e prestígio.

² É conveniente distinguir os vocábulos *russkye* de *rossiiskoe*. O primeiro (Русский) diz respeito à etnia russa entendida numa lógica biológico-cultural que transforma o *russkye* num agregado populacional etnicamente distinto; o segundo vocábulo (Российский) diz respeito a uma noção plurinacional da identidade russa, muitas vezes associada até com o conceito englobante de cidadania, que relega para segundo plano as particularidades da etnicidade e destaca a sua valência multidimensional.

³ A *Grande Embaixada* ocorre entre 1697 e 1698, com Pedro I a visitar Londres, Viena, Amesterdão e Cracóvia. A *Grande Embaixada*, na qual Pedro I viajava incógnito, foi abruptamente interrompida antes de Pedro I conseguir visitar Veneza ou Madrid devido à sublevação dos *Streltsy*, “guardas reais que em 1698 tentam restaurar Sofia [irmã de Pedro e regente entre 1682 e 1689] no trono” (Ziegler, 2009, p. 36) do Império Russo.

⁴ A construção da nova capital (Petersburgo) é, neste sentido, um elemento simbólico. A ideia de Pedro I era o de transformar Petersburgo (elevada a capital em 1712) na sua “janela para a Europa” rompendo com o passadismo retrógrado associado com Moscovo, que nesta altura era ainda uma capital dominada por edifícios de madeira de traçado com fortes influências mongóis e por nobres (*boyar*) e clérigos de barbas longas, porque o acto de barbear era entendido como um pecado por desvirtuar o acto de criação divina. Pedro I começa por ilegalizar o uso de barbas longas e chega mesmo a barbear alguns *boyars*, mas mais tarde Pedro I acaba por permitir o uso/manutenção da barba mediante o pagamento de um imposto (Hughes, 2006, p. 90).

Entre os reinados dos czares Paulo e Alexandre I o debate começa a mudar de tom, com a segunda ala (eslavófilos) a ganhar progressivamente maior relevância dentro da corte do Império. Importante ressaltar que a mutação da ala dominante, passando da ala ocidental para a ala eslavófila, coincide com o “aquecer” do *Grande Jogo*⁵ que opõe a Rússia ao Reino Unido no controlo pela Ásia Central e no acesso à Índia. É aliás no século XIX, mais concretamente no ano 1832, no decurso do reinado do czar Nicolau I, que surge a primeira concepção concreta de identidade nacional no espaço russo dissociada das anteriores tentativas de Europeização. O documento conhecido como *Nacionalidade Oficial* foi formulado pelo Vice-Ministro da Educação, Sergei Uvarov e tinha em atenção três princípios identitários basilares: Ortodoxia, Autocracia e Nacionalidade.

De modo sintético “a nova fórmula de Uvarov ambicionava substituir as concepções universalistas do Iluminismo ao incidir na natureza distintiva da Rússia” (Ransel, 2009, p. 187) que não se enquadrava no Ocidente Europeu, mas também não fazia parte do Oriente Asiático. Ensaia-se então a noção de que a Rússia representa uma espécie de terceira via, um caminho que une heranças socioculturais da Europa e da Ásia mas que se distingue dos percursos em curso nos dois continentes. A elite política redescobre a herança mongol, mas não se deixa “engolir” pela mesma. Há também que ressaltar que “os nacionalismos dos eslavófilos (1830-1840), dos pan-eslavos (1850-1870) e, no virar do século, dos neo-eslavófilos foram influenciados pela tradição filosófica germânica de romantismo” (Laruelle, 2009, p. 13), na qual se exaltam as virtudes da vida campestre e o valor inestimável da fidelidade para com a Ortodoxia, colidindo com as ideias de exaltação do progresso e da modernidade defendidas pelo ocidentalistas e que se traduziam no quotidiano de Petersburgo. Moscovo, passa deste modo, a ser vista como a *autêntica* cidade russa e Pedro I chega mesmo a ser apelidado de *Anticristo*.

⁵ O *Grande Jogo* começa em 1830 com o estabelecimento de relações diplomático-militares entre o Reino Unido e o emirato de Bukhara (actual Uzbequistão) levando a uma série de conflitos entre os contendores principais e os actores locais. O *Grande Jogo* transforma o mapa político da Ásia Central, que passa a ser parte integrante do Império Russo, e confirma o domínio britânico no subcontinente Indiano, terminando no começo do século XX com a assinatura da *Convenção Anglo-Russa* a 31 de Agosto de 1907 (Hopkirk, 2006, pp. 123-134 / 513-524).

O desenvolvimento das doutrinas de identidade nacional russa não se fizeram sem confrontos ideológicos. Os eslavófilos (dos quais se destacaram Alexey Khomyakov, Iran Kireevsky, Konstantin Aksakov) acusavam os pan-eslavos de não compreenderem a riqueza da herança eurasiática do Império Russo; por sua vez, os pan-eslavos (liderados por Nikolai Danilevsky e Vasilii Klyuchevsky) olhavam para as concepções eslavófilas como uma declaração de fraqueza, de incapacidade de projectar a primazia da etnia *russkiye* sobre as demais identidades colectivas proto-nacionais. Os neo-eslavófilos (centrados nas ideias de Fiodor Dostoevsky e Konstantin Leontyev) temiam o poder associado aos nacionalismos de tipo étnico, criticando por isso a imprudência da argumentação dos pensadores pan-eslavos. Os neo-eslavófilos gozaram do apoio (parcial) dos czares Alexandre III e Nicolau II.

O golpe Dezembrista de 1905 teve reflexos inesperados nas dinâmicas relacionadas com a questão da identidade nacional. Aos três pilares da *Nacionalidade Oficial* de Uvarov somaram-se mais dois: Messianismo e Anti-Semitismo. Em bom rigor, o espírito messiânico faz parte da concepção basilar da identidade étnica russa já desde a era do Principado de Moscovo⁶. Após as reformas do Patriarca Nikon no século XVII⁷ “a matriz mística da fé Russa e a base messiânica da consciência nacional [russa] combinaram-se” (Figes, 2003, p. 308) com uma intensidade renovada, propagando-se a noção de que a Rússia Imperial era a natural herdeira de Constantinopla e a única potência capaz de erguer uma nova Roma. O aparecimento, nos anos 1920-1930, das correntes de matriz eurasiologista serviu apenas para adensar e envolver com argumentos teórico-lógicos este sentimento místico que trespassava as elites políticas e militares. Neste sentido, e de modo sucinto, podemos dizer que o eurasiatismo mais não é do que a reificação geopolítica de conceitos identitários que respondem a duas

⁶ Daniel de Moscovo é empossado como Príncipe de Moscovo, em 1263, com apenas dois anos, após a morte do seu pai Alexandre Nevsky. É com Ivan II (que governa entre 1353 e 1359) que Moscovo se torna num Grande Principado. Ivan IV (que governa de 1533 a 1584) acabaria por transformar o Grande Principado num reino (Czardom) em 1547.

⁷ Nikon foi eleito como sétimo Patriarca de Moscovo a 1 de Agosto de 1652, tendo posto em marcha um plano de reformas, para modernizar os ritos diluindo a herança greco-bizantina, que conduziram ao *Cisma de 1666* e à divisão da Igreja Ortodoxa Russa em duas facções: os Velhos Crentes e os Reformistas

questões: O que é ser *russkye*?, precedida de imediato pela questão: Qual a missão dos *russkye* no mundo?

Na sequência dos trágicos eventos de Janeiro de 1905, e com o czarismo a perder força dentro dos círculos políticos e fora destes, surgiram os primeiros movimentos nacionalistas de extrema-direita, cujo contributo para o ideário nacional russo se encontra ainda hoje como evidente. Antes de mais é importante ressaltar que “dos movimentos nacionalistas nascidos nas ruas em 1905, o único que sobreviveu foi o *Black Hundreds* com o virulento anti-semitismo” (Laruelle, p. 14, 2009) na base do seu discurso ideológico. O movimento acreditava que os males da Rússia se deviam a uma conspiração judaica que deveria ser combatida. Embora os *Black Hundreds* se encarassem como revolucionários, é mais correcto entendê-los como um grupo ultraconservador já que estes reafirmavam a lealdade para com o czar, a Igreja Ortodoxa e as estruturas sociais. O objectivo dos *Black Hundreds* não era tanto o de revolucionar, mas antes o de preservar uma estrutura sociopolítica em evidente estado de degradação.

No período que antecede a transformação da Rússia, com a queda do Império dos Romanov e a construção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, os cinco pilares da identidade nacional supramencionados podem ser entendidos como a expressão de dois traços identitários colectivos distintos: fidelidade e anti-semitismo. Estes dois elementos irão moldar a noção de ser *russkye* ao longo do século xx. Na próxima parte iremos explorar a evolução da identidade nacional russa durante o período soviético.

Identidade nacional russa no espaço “comum” da U.R.S.S. [1917-1991]

O século xx russo é marcado por duas revoluções que transformaram de modo significativo a identidade do *narod* (Народ: povo) da *Rossia*. Numa perspectiva não cronológica podemos afirmar que o século xx russo começa em 1917, com o fim do regime monárquico absolutista czarista e a instauração do comunismo de tipo soviético e termina em 1991, com a desagregação formal e institucional da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e a subsequente fundação da Federação da Rússia.

A queda do czarismo em 1917 relançou o debate sobre a natureza da identidade nacional russa. No sentido de compreendermos a evolução do debate sobre a identidade nacional russa, é conveniente que se faça um pequeno recuo histórico até ao século XIX. Nas bases do comunismo que Lenine iria implementar denotamos que “tanto Marx como Engels trataram a questão [nacional] como periférica, acessória, e as diferenças culturais entre as sociedades como factores de complicação (...) do estabelecimento do socialismo” (Rego, s. d., p. 93) pela complexidade que introduziam nas dinâmicas em curso. A lógica basilar do comunismo, como a palavra o sugere, era por em comum, esbater o diferente, terminando não só com as classes sociais como, num segundo momento, eliminar as fidelidades nacionais que fomentam divisões.

Para Marx a implementação do comunismo levaria à construção de um espaço de iguais, sem classes e sem pátrias. Muito embora valorizasse mais a importância de unir a emergente classe proletária, Lenine “apercebeu-se do potencial dos nacionalismos para minar não só os impérios coloniais europeus como, e principalmente, o império czarista. Corolário lógico desta tática, defendeu o direito à autodeterminação dos povos” (Rego, s. d., p. 94) lançando as bases da institucionalização das nacionalidades dentro do espaço soviético. Na verdade o que Lenine pretendia era uma integração a dois momentos.

Primeiro iria cooperar com as minorias nacionais, evitando os perigos do nacionalismo combativo e do chauvinismo *russkye* para depois as integrar na malha social soviética.

Conquistado o poder político ao czar Nicolau II, que seria brutalmente assassinado juntamente com toda a família real em 1918, Lenine enfatiza a importância das minorias nacionais; neste sentido “ao acreditar que a revolução e o novo estado eram uma antítese ‘democrática’ do czarismo, o Governo Provisório [de Lenine] assumiu ingenuamente (...) que o programa de auto-governança e democratização satisfaria as aspirações das minorias nacionais” (Orlovsky, 2009, p. 283) e permitiria a construção de um espaço multiétnico que facilitaria a organização e pacificação do imenso espaço soviético, dirimindo sempre a lógica da (suposta) superioridade dos russos em relação aos demais grupos nacionais.

Na Constituição de 1918, Lenine adoptou o regime federal para a organização do estado soviético. É por tanto correcto referir que desde os seus primórdios “a União Soviética foi um estado multinacional não apenas em termos *etno-demográficos* (...) mas, mais fundamentalmente, em termos *institucionais*” (Brubaker, 2009, p. 23), mesmo com as sucessivas alterações a que foi sujeita a Constituição nos anos subsequentes. A nação, parcialmente esvaziada do seu carácter social e histórico-cultural, tornou-se uma forma de organização etno-administrativa. Lenine esperava, acima de tudo, que “as nacionalidades (compreendidas no espaço da União Soviética) sofressem um processo de aproximação (*sblizhenie*) e ultimamente que se fundissem (*sliianie*)” (Duncan, 2000, p. 56) originando um novo construto psicossocial não-*russkye* e não-russófono.

Em simultâneo com as reformas constitucionais empreendidas pelos bolcheviques, em meados dos anos 1920 e até ao final da década de 1930 ganha expressão um pouco por toda a U.R.S.S., e com maior relevância no Extremo Oriente Russo e na região do Tuva e do Cáucaso, um movimento ideológico e geopolítico composto essencialmente por emigrantes retornados de matriz eslavófila, conhecidos como eurasianistas (dos quais se destacam Trubetskoi, Souvtchinski e Karsavin) e que entram no debate sobre a identidade nacional russa em defesa da construção de um espaço eurasiático, no qual a Rússia seria o mediador do diálogo inter-civilizacional entre o Oriente e o Ocidente. A *sblizhenie* (aproximação) pós-Lenine passa a estar subordinada ao papel salvador do messianismo russófono que corrige as imperfeições da teoria de Marx.

Para os eurasianistas “a vasta região ocupada pelo estado russo, embora se situasse de facto entre os continentes Europeu e Asiático, era de qualquer dos modos geograficamente e por isso “objectivamente” muito distante dos dois” (Bassin, 2003, p. 258) continentes, formando uma região única do ponto de vista histórico, político, social, cultural e económico. Alguns autores mais progressistas chegaram mesmo a defender a ideia de “que como resultado de séculos de co-existência de povos de origem Eslava, Finno-Ugric, Turco-Tatar e Mongol (...) os membros da nação eurasiática compunham uma nova raça” (Tolz, 1998a, p. 997) superior. O empolamento do *darwinismo social* pelos eurasianistas contradiz abertamente a visão não-

-identitária de Marx que, no final da sua revolução comunista, envisaja um espaço social inclusivo sem espaço para nacionalidades ou religiões, dado que ambas estas conceptualizações socio-identitárias se fazem por mecanismos de exclusão. O papel de timoneiro do messianismo russo no processo de *sblizhenie* (aproximação) de vários construtos psíco-identitários “corrige” assim o erro de Karl Marx, ao negar a natural diferenciação do valor de diferentes identidades.

A Eurásia, nome adoptado pelos eurasianistas para denominar a região que incorpora as heranças Romana, Bizantina e Mongol, seria uma entidade complexa e, para a maioria, diversa do ponto de vista identitário durante a *sblizhenie* (aproximação), mas coordenada politicamente pelos russos. A noção de supremacia russa contrariava a tese leninista, que temia os efeitos do chauvinismo russo e que tinha nos legados nacionais um modo de organização e não uma forma de afirmação das minorias (até porque o *homo sovieticus* seria um sujeito sem classe e sem pátria); mas entroncava e justificava as ideias de Estaline, que antes de tomar a liderança da União Soviética surge como *Comissário para as Nacionalidades*, no que se referia a um direito de autodeterminação restrito ao proletariado e na supremacia dos *russkiye*⁸ dentro da União Soviética.

É paradoxal constatar que Estaline ao mesmo tempo que defendia a superioridade russa, promoveu a institucionalização das minorias nacionais dentro do espaço soviético. A primeira mudança ocorre em 1932, com a inclusão da categoria etno-nacional, primeiro, no passaporte interno e em seguida em todos documentos legais dos cidadãos da União Soviética. A transformação da categoria etno-nacional num requisito legal catalisou uma série de transformações que condicionavam, por exemplo, a “admissão no ensino superior e a candidatura a certas categorias de emprego” (Brubaker, 2009, p. 31) privilegiando as maiorias nacionais em cada uma das Repúblicas que compunham a união.

⁸ A posição de Estaline não deixa de ser curiosa se tivermos em consideração que o líder da União Soviética de 1922 a 1953 era natural de Gori, cidade da Geórgia. As teses de Estaline sobre a supremacia da etnia russa ficam bem claras no discurso proferido a 23 de Abril de 1923, por altura do XII Congresso de Partido Comunista Russo, no qual Estaline advoga uma interpretação não literal das palavras de Lenine, posto que estas contradiziam os argumentos de Estaline, em contraponto com o que defendia Bukharin

O etnofederalismo proposto por Estaline recupera os dois elementos identitários da identidade *russkye* da era imperial: fidelidade e anti-semitismo. Começando pelo segundo, os judeus foram a minoria etno-nacional mais castigada por Moscovo, vítima não só de purgas como também de discriminação no acesso aos altos cargos das respectivas nações e da União. Estaline “usou o estilo anti-semita dos *Black Hundred* de forma a criar uma identificação artificial entre o inimigo Ocidental externo e o “cosmopolitismo” interno (...) que subvertia o socialismo” (Vujacic, 2009, p. 66), visível no aburguesamento do proletariado que comprometia a revolução em marcha. A fidelidade traduziu-se numa forma de culto transpersonalista (patente na construção de várias efígies de Estaline e na celebração das suas virtudes como líder e como homem), em que o estado se fundia gradualmente com a figura do líder.

A estrutura etnofederal desenhada por Joseph Estaline pretendia “a transformação dos “Russos” (camponeses) em proletários e a subordinação do [Homem] Russo a uma nova identidade Russo-Soviética” (Vujacic, 2009, p. 58), mas saldou-se na construção de um conjunto de nacionalidades semi-ficcionalizadas como é o caso dos tadjiques, quirguizes e turquemenos. A II Guerra Mundial, ou Grande Guerra Patriótica, acabaria por servir de pedra de toque na estratégia de construção desta nova identidade, protótipo do *homo sovieticus* de Aleksandr Zinov’ev⁹, já que “desde o começo, Estaline interpretou a guerra como uma luta pela sobrevivência da nação” (Dunlop, 1983, p. 15) soviética. De forma a justificar as nacionalidades existentes em cada República da União criaram-se mitos fundadores, inventou-se uma história, uma literatura e uma cultura própria distintiva mas congruente com as demais nacionalidades.

A morte de Estaline marca um novo ciclo na construção da identidade nacional tendo em consideração que “com a nomeação de Nikita Khrushchov como secretário-geral, em 1956, (...) houve uma viragem em relação às práticas estalinistas” (Rego, s. d., p. 98) de dirigismo do estado na cons-

⁹ O livro *Homo Sovieticus* de Aleksandr Zinov’ev (1985) compreende, em bom rigor, uma crítica ao projecto do Novo Homem Soviético que as autoridades da URSS tentaram criar, apoiando-se em novos mitos como o do mineiro Alexey Stakhanov, que alegadamente a 31 de Agosto de 1935 teria extraído 102 toneladas de carvão em menos de seis horas, catorze vezes mais do que a sua cota diária

trução das identidades das várias minorias nacionais. O novo líder da U.R.S.S. preconizou um afastamento do estado promovendo o relacionamento entre os vários grupos etno-nacionais. Khrushchov acreditava na possibilidade de se criar uma aliança fraterna entre nações (em russo ЕДИНСТВО: *Edintsvo*), através de relações de diálogo nas quais Moscovo seria somente o mediador.

A *edintsvo* de Khrushchov mais não é do que uma tentativa de esfriar o messianismo russófono que se apoderara da *sblizhenie* na era pós-Lenine. A ideia de uma aliança fraterna nega uma gradação do valor dos diferentes grupos sócio-identitários, colocando em paridade russos e não-russos, no seio da União Soviética. Refreia-se assim o ímpeto do darwinismo social e do determinismo biológico, que influenciam autores como Lev Gumilev, e retoma-se a rota da harmonização dos povos no espaço político sob a égide do Kremlin.

O afastamento de Khrushchov e a conseqüente chegada ao poder de Leonid Brejnev representa um retorno parcial às práticas preconizadas por Estaline. Nos 18 anos que durou o seu mandato desenvolve-se “a doutrina do “Povo Soviético” (Советский народ: *sovetskii narod*) como uma “nova comunidade histórica”. Mas esta entidade emergente foi concebida explicitamente como supra-nacional” (Brubaker, 2009, p. 28) sendo, por isso, incapaz de unir o que o programa etnofederal de Estaline havia separado. A supremacia messiânica russa sobre os demais grupos nacionais foi contudo reafirmada na era de Brejnev.

A passagem de Andropov pela liderança da União Soviética conduz a um retorno das doutrinas de Khrushchov, com a promoção da solidariedade intranacional e inraidentitária. O novo Secretário-Geral promove, de novo, a noção da exequibilidade da fusão de nações (conhecida em russo como слияние: *Sliyanie*), recuperando a lógica leninista de que o nacionalismo seria o caminho para a construção de um grupo apátrida e sem classes no espaço soviético. No início do mandato de Mikhail Gorbatchov como líder da União Soviética não eram previsíveis mudanças no plano etno-federal. Gorbatchov elogia a política de nacionalidades lançada por Lenine que permitiu manter a URSS unida, aplaudindo também os esforços de Khrushchov na defesa da solidariedade intranacional.

As reformas económicas de Gorbatchov com o lançamento da *perestroika* iriam causar uma nova *Crise das Nacionalidades*. Entendendo que a reestruturação da economia não era suficiente, Gorbatchov lança no plano sociocultural a *glasnot* (transparência) que culmina no ressurgimento de nacionalismos latentes e das agendas separatistas exclusivistas. O *Pamiat* (Memória), movimento constituído nos anos 1960, foi a face mais visível do “nacionalismo russo [e] pode contar não somente com uma forte corrente intelectual, mas também com o suporte tácito da maioria silenciosa do povo (...) O *Pamiat* tornou-se o defensor de uma identidade russa que se considerava ameaçada” (Rego, n. d., pp. 104-105) pela influência crescente do Ocidente que esbatia as particularidades do *sovietskii narod*. Antes da queda da U.R.S.S. os debates entre eslavófilos e ocidentalistas voltam a ganhar destaque por toda a Rússia, tal como sucedera no século XIX.

O anti-semitismo e as teses da conspiração judaica impregnam o debate sobre a reformulação da identidade nacional, muito influenciados pelos escritos de Lev Gumilev; “na análise de Gumilev os Judeus emergem como o protótipo de *khimera*¹⁰, provendo o melhor exemplo dos efeitos de ruptura e destruição resultantes de contactos quiméricos” (Bassin, 2007, p. 154) entre dois grupos étnicos dissemelhantes num mesmo espaço social. Os eslavófilos criticam o soviétismo que na ânsia de criar e justificar nações e etno-nações, se esqueceu dos *russkiye*. A fusão entre as estruturas nacionais da Rússia e a estruturas da União levou a que também a identidade russa ficasse como que suspensa, difusa entre o estatuto (quase) supra-nacional e a incontornável realidade de se tornar minoritária em muitas das emergentes quinze repúblicas soberanas. Complementarmente, devemos referir que ao contrário das minorias nacionais, a maioria russa não tinha sido sujeita a um processo de codificação da identidade nacional (algo curioso tendo em conta a centralidade do papel de mediador do messianismo russo durante as lideranças de Estaline e Brejnev) factor que permitiu um adensar dos debates.

¹⁰ Em traços gerais, Lev Gumilev define *khimera* como um parasita étnico, que explora os atributos dos grupos étnicos locais em termos psicossociais e identitários, deturpando esses mesmos atributos identitários através de um fenómeno apelidado de “zig-zag”

Em busca de uma alma nova [1991-1999]

Parece-nos elementar asseverar que a *glasnot* de Gorbachov introduziu uma nova dinâmica no debate da definição da identidade nacional russa na década 1980, mas parece-nos igualmente importante que se tenha presente que “a segunda desintegração do império neste século [xx] reabriu o debate sobre *state e nation-building* na Rússia” (Tolz, 1998b., p. 267) com uma intensidade muito semelhante à que ocorreu na transição do czarismo para o soviétismo.

Numa ironia da história, a salvação da República Socialista Federada Soviética da Rússia (também denominada pelo acrónimo RSFSR) pode ser apontada como uma das causas centrais da desagregação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. É aliás curioso constatar que “as lutas da RSFSR contra o centro Soviético foram ambivalentes; taticamente orientadas para *enfraquecer* o centro e distribuir os seus poderes pelas repúblicas nacionais, mas estrategicamente orientada para *capturar* o centro e tomar os seus poderes” (Brubaker, 2009, p. 42) bem como o seu desenho institucional, quase que podemos afirmar que em vez de uma Revolução, a desagregação da U.R.S.S. é mais uma mutação político-institucional na qual o bloco soviético é absorvido (parcialmente) pela República da Rússia.

Convém não esquecer que “qualquer alteração identitária, seja como resultado de rupturas estruturais ou de revoluções internas, é difícil e traumática” (Chafetz, 1996-1997, p. 665) acrescentando a isto, no caso russo, a ausência de uma codificação clara sobre a identidade nacional *russkye* no período soviético. No período que mediou entre a queda da U.R.S.S. e a chegada ao poder de Vladimir Putin o debate sobre identidade nacional *russkye* esgrimiou-se essencialmente entre três grandes grupos: 1.) ultra-conservadores e unionistas; 2.) democratas e ocidentalistas; 3.) eslavófilos e neo-eurasianistas.

O primeiro grupo surgiu nas eleições parlamentares de 1990, resultando da aliança inesperada dos sectores mais conservadores do Partido Comunista Russo com os Partidos nacionalistas de extrema-direita. É interessante mencionar que “nos anos 1980 a maioria dos nacionalistas russos viam o golpe bolchevique como a maior tragédia que alguma vez se abatera sobre a Rússia”

(Tolz, 1998b., p. 269) que perdera o estatuto de Império; porém o medo comum dos efeitos perniciosos da desintegração da U.R.S.S. aproximou comunistas e nacionalistas que no ano de 1990 constituem um bloco patriótico-nacional que nomeia e apoia conjuntamente candidatos à Duma.

Nos anos imediatamente subsequentes ao término do bloco soviético os unionistas e os ultra-conservadores acreditavam na possibilidade do ressurgimento da U.R.S.S. negando a natureza imperial do estado soviético. Segundo defendiam “a desintegração da U.R.S.S. ocorrera quase inteiramente por culpa da adopção da declaração de soberania pela Federação Russa em 1990” (Tolz, 1998b., p. 269) resultando num processo historicamente incongruente mas reversível, até porque “a expansão territorial Russa era o produto de uma inevitabilidade geográfica” (Tolz, 1998b., p. 270) que levava ao surgimento do super-estado soviético que os unionistas pretendiam restaurar.

Ultra-conservadores e unionistas perfilham sentimentos de *traição* dos políticos russos e *conspiração* do Ocidente contra a Rússia, culpando Gorbachov e o Ocidente pela implosão da União Soviética. Argumentos como “Gorbachov é um agente secreto americano (...) Traiu o comunismo (...) Enganaram-nos com a *perestroika*” (Aleksievitch, 2012, p. 25) passam a servir de marcador político para o bloco patriótico-nacional cimentado pela união de ambas estas alas.

Para este primeiro grupo a *russkaya natsiya* e o *russkyye narod* eram conceitos similares que se referiam ao povo russo, composto exclusivamente pelos descendentes dos eslavos instalados em Moscovo em meados do século XIII e natural herdeiro do estado soviético. As minorias nacionais dentro das fronteiras da União restaurada seriam respeitadas, mas não equiparadas aos *russos* retomando-se assim o darwinismo social pós-Leninista. A exaltação dos líderes, uma visão xenófoba do espaço social e o anti-semitismo são as três marcas mais singulares da identidade nacional definida pelos ultra-conservadores e pelos unionistas.

O grupo dos democratas e dos ocidentalistas ganha forma e peso político nos anos de governação de Gorbachov, tornando-se no bloco dominante nos primeiros anos do mandato de Ieltsin, primeiro presidente da Federação da Rússia. Os democratas uniram-se aos ocidentalistas após ci-

sões internas que aproximaram grupos de inspiração democrática dos unionistas e até dos pan-eslavos na sequência das políticas democratizantes que “queriam identificar a União Soviética como sendo mais próxima do *status quo* do Ocidente do que sua concorrente” (Chafetz, 1996-1997, p. 667), num retorno histórico ao modelo ideológico-político que guiou a governação dos vários czares desde o reinado de Pedro, o Grande, ao reinado de Catarina, a Grande¹¹.

As transformações preconizadas por Gorbachov, através da *perestroika* e da *glasnot*, e apoiadas pelos democratas e ocidentalistas afastam a Rússia do trilho revolucionário, colocando-a na estrada da integração no sistema internacional formatado pelas potências do Ocidente. Na sequência da dissolução do espaço soviético “os liberais identificavam a Rússia com os estados modernos democráticos” (Chafetz, 1996-1997, p. 672) organizando-se em torno de Ieltsin que via na aproximação ao ocidente a capacidade de recuperar o estatuto de grande potência perdido pela Rússia. Um dos argumentos mais comuns dos defensores da aproximação ao Ocidente era o facto da Rússia Ocidental ser o lar de perto de 2/3 da população europeia, factor que tornaria a Rússia de *per si* num parceiro central das políticas, alianças e estratégias europeias.

Para ocidentalistas e democratas, Pedro I estava certo ao recentrar a Rússia no espaço de influência germano-austriaco, afastando-a do legado mongol. O *século perdido*, compreendido entre 1917-1991, deveu-se primeiramente a uma negação do valor da Europa na construção da Rússia. No espaço criativo-cultural, o realizador Sokurov apresenta no seu *Arca Russa* (2002) essa visão crítica de quem acredita que a Rússia só se consegue realizar, na sua plenitude, dentro da Europa e por isso a ocidentalização pós-1991, mesmo com os excessos da *terapia de choque*, eram não apenas necessário mas essenciais. O filme, gravado no Hermitage situado na *capital ocidentalista* (São Petersburgo), termina com um “*Adeus Europa*” sendo “significativa a

¹¹ O período que medeia entre o começo do reinado de Pedro, o Grande e o término do reinado de Catarina, a Grande é denominado, por alguns historiadores, como *Período Pedrino* (1721-1796). O *Período Pedrino* foi marcado, ao longo de quase oito décadas de duração, pela modernização e europeização da Rússia. Apenas a título de exemplo refira-se que a Economia da Rússia apesar de permanecer fortemente rural, vê surgirem as primeiras indústrias e aposta-se mais em mercados exógenos; os códigos legais são profundamente reformados, de modo a aproximarem-se mais do Ocidente; Petersburgo ganha o estatuto de capital imperial de modo a sempre com o passadismo anacrónico associado a Moscovo.

escolha da utilização de Прощай [prachai] (*Adeus, até sempre*) no lugar de До свидания [dassvidania] (*Adeus, até já*) como reforço de que a Rússia perde, para sempre, a sua Europeidade em 1917, numa censura contundente que Sokurov [e os demais ocidentalistas] faz não só ao soviétismo mas também ao atual governo de Vladimir Putin” (Lopes, 2015, p. 164).

No decurso dos processos transformativos, o grupo dos democratas e ocidentalistas deparou-se com as dificuldades provenientes de uma codificação deficitária da identidade nacional *russkyye*, durante o período soviético. Como resultado desta debilidade “os Russos não pensavam no seu território e nas suas instituições como sendo *seus*” (Brubaker, 2009, p. 50) mas como tendo sido parte integrante da União Soviética que ruína no começo dos anos 1990. Muito embora os democratas e os ocidentalistas tenham estado no poder até Vladimir Putin entrar em funções, a incapacidade em se construir uma matriz consistente de identidade nacional russa ocidentalizada fez com que o projecto ruísse antes mesmo de estar terminado.

O terceiro grupo a entrar no debate da identidade nacional russa na sequência do desmoronamento do bloco soviético agrega duas perspectivas similares: eslavófilos e neo-eurasianistas. Ao contrário dos outros grupos, os eslavófilos e os neo-eurasianistas nunca estabeleceram acordos ou alianças políticas, nem desenharam planos em conjunto, tendo antes (e somente) realizado uma aproximação com o intuito de aumentar a visibilidade das ideias que ambos defendiam na esfera pública.

Para os eslavófilos como Vladimir Zhirinovskii, a queda da U.R.S.S. permitiria que a Rússia se constituísse como um estado de povos eslavos. De acordo com esta corrente “existem laços históricos profundos para as reivindicações da Rússia em relação à Ucrânia e à Bielorrússia” (Tolz, 1998b., p. 275) como componentes inalienáveis da Rússia e que justificam as actuais incursões na região de Donbass¹² e da Crimeia¹³. A diáspora russa,

¹² A região de Donbass, situada no leste da Ucrânia na fronteira com a Rússia, é composta por populações maioritariamente russófonas. As auto-proclamadas Repúblicas Populares de Luhansk (proclamada a 12 de Maio de 2014) e de Donetsk (proclamada a 7 de Abril de 2014) situam-se ambas na região de Donbass e contam com o apoio tácito, quando não efectivo, de Moscovo desde a sua proclamação.

¹³ A anexação da Crimeia pela Federação da Rússia é um dos assuntos mais contenciosos da política hodierna entre o bloco Ocidental e Moscovo. Para o Kremlin o referendo de 16 de Março de 2014, no qual alegadamente 95% dos eleitores votaram por uma re-integração da Crimeia na Rússia, valida a integração da região na Federação da Rússia. Para Kiev e para a União Europeia a validade do referendo é altamente dúbia e o acto político

com 25 milhões de russos a constituírem subitamente minorias nacionais em várias repúblicas do espaço pós-soviético, influencia de modo determinante as noções de estado e nação dos eslavófilos orientados para uma visão racial da questão identitária, levando no limite a concepções que defendem que “os Russos devem salvaguardar-se a si mesmos das influências perniciosas das outras ‘etnicidades’” (Tolz, 1998a., p. 1003).

Na visão dos neo-urasianistas a questão racial não é prioritária. Recuperando a visão de Danilevski, os neo-urasianistas defendem a criação de um estado eurasiático que agregue em si elementos culturais da Europa e da Ásia mas que seja em si distinto dos dois continentes. O projecto neo-urasiano tem em linha de conta que “o Império Russo e a U.R.S.S. formaram uma civilização única” (Tolz, 1998a., p. 996) que deverá ser continuada dentro de um estado que proteja a originalidade deste agregado civilizacional. O projecto neo-urasianista é por vezes, erradamente, confundido com aspirações imperialistas quando o mesmo é, antes de mais, um mecanismo de revanchismo histórico.

No período que mediou entre a dissolução da U.R.S.S. e a ascensão de Vladimir Putin os dois elementos mais constantes da identidade russa (fidelidade e anti-semitismo) sofreram processos evolutivos divergentes. O anti-semitismo é reforçado pelo surgimento de grupos que definem a identidade russa como estando em oposição com a de um inimigo judaico responsável pelas adversidades que a Rússia atravessou na década de 1990. Já a cultura de fidelidade para com o líder máximo do estado russo parece ter-se esbatido, tendo em linha de conta que o poder do Kremlin foi dividido pelos líderes regionais. Como veremos na próxima parte do presente artigo, a chegada ao poder de Putin, no final do século xx, alterou o curso dos debates sobre a identidade nacional russa e mais importante a forma como os russos se olham internamente.

representa apenas uma demonstração do imperialismo revanchista da Rússia de Putin. Para melhor entender a questão da Crimeia recomendamos a leitura de: Williams, Brian Glyn, 2001. *The Crimean Tatars: The Diaspora Experience and the Forging of a Nation*. Leiden: Koninklijke Brill NV; Kuzio, Taras, 2010. *The Crimea: Europe's Next Flashpoint?* Washington: Jamestown Foundation.

Vladimir Putin e a identidade nacional russa [1999-2016]

O final do século xx marca o começo de um novo período estrutural na Federação da Rússia. Se é certo que Vladimir Putin era há muito apontado como sucessor de Ieltsin, é igualmente correcto afirmar que a projecção política do homem forte do Kremlin ocorre após os atentados de 1999, perpetrados em Moscovo por guerrilheiros chechenos e que resultam na morte de mais de 200 pessoas. A segunda guerra russo-chechena, na sequência destes atentados e da invasão ao Daguestão pela parte dos separatistas chechenos, permitiu a Putin compreender que a construção da nova identidade russa poderia ser feita com base na comparação com as demais nacionalidades e etno-nacionalidades compreendidas dentro da Federação e nos países vizinhos, ressaltando sempre a superioridade dos russos, ou seja, retomando o darwinismo social pós-Leninista na esteira do que defendia Lev Gumilev.

O projecto de revitalização da identidade nacional russa encetado por Putin tem tido em consideração a noção de que quando “o nacionalismo vinga, tende a eliminar a alta cultura alienígena, mas depois não a substitui pela antiga baixa cultura local; antes faz reviver, ou inventa, uma alta cultura própria” (Gellner, 2006, p. 56), processo esse em *stand by* desde a transformação da U.R.S.S. em Federação da Rússia e que, na óptica de Putin, não deve ser realizado tendo em consideração uma meta ocidentalizante, mas antes uma lógica distintiva e valorativa “assente em dois pólos regionais – o europeu e o asiático” (Rato, 2008, p. 7).

As acções de Vladimir Putin pautam-se, sobretudo, por um grande pragmatismo e por alguma ambiguidade. É com Putin que se assiste à redefinição da “simbologia da nova Rússia: a reintrodução da bandeira e do escudo heráldico do tempo dos czares conjuntamente com o hino do tempo dos soviéticos. Este hibridismo tem correspondência na sociedade” (Lara, 2002, p. 225) e é um primeiro indicador da nova natureza mista da nação russa. O passado e o presente fundidos numa ideologia que olha para a Europa como forma de recuperar o estatuto de grande potência, mas não esquece a Ásia Central como palco de projecção do seu poder político até porque “as relações da Rússia com os seus ‘vizinhos mais próximos’ (...) são

ainda fortemente marcada pelo legado do Comunismo” (Wasserstein, 2007, p. 720) que resulta num sentimento e num modelo de actuação próximo daquele que aproxima a França e o Reino Unido das suas ex-colónias.

Não nos devemos, todavia, precipitar classificando *a priori* Putin como sendo neo-eurasianista mesmo que seja incontornável o facto de que os “aspectos histórico-filosóficos do eurasianismo (...) não estão totalmente ausentes das políticas de relações externas do governo de Putin” (Schmidt, 2005, p. 94) nos últimos anos. A Rússia, sobre a égide de Putin, tem procurado reaproximar-se dos vários estados que emergiram na sequência do colapso soviético, com especial incidência nos vários estados da Ásia Central, mas não descurou uma tentativa de restabelecimento de relações diplomáticas com várias potências do Ocidente, com especial destaque para a União Europeia e para a OTAN algo que todavia mudou após a *Guerra dos Cinco Dias*¹⁴ de 2008 e a intervenção no Donbass ucraniano em 2014-2016.

As acções políticas de Vladimir Putin estão na origem da reconfiguração dos dois traços identitários que melhor definem os russos: fidelidade e anti-semitismo. Após os anos de governação de Ieltsin que se saldaram na distribuição de poderes políticos pelos vários níveis de governação federal, nacional, regional e local, como forma de dirimir o sucesso da retórica separatista, Putin “criou um novo regime centralizador. A nova legislação fortalece o poder das autoridades federais” (Bahry, p. 138) e permite uma centralização do poder, que conduz a um reforço da noção de fidelidade para com os líderes nacionais. Vladimir Putin goza de uma maior capacidade de mobilização da nação russa do que o seu antecessor e é por vezes chamado de novo czar da Rússia.

Com Vladimir Putin os russos recuperam o sentimento de missão sagrada da Rússia segundo o qual “vêm-se a si mesmos como herdeiros das tradições do império Bizantino e, desse modo, também do império Romano” (King, 2006, p. 124) conjugando ainda, por direito próprio, traços identitários e direitos geoestratégicos no espaço do antigo império Mongol.

¹⁴ A *Guerra dos Cinco Dias*, ou Guerra Russo-Georgiana, tem lugar no começo de Agosto de 2008 e as razões para a eclosão do conflito permanecem contenciosas: a Rússia alega que apenas interveio para proteger os povos da Abkházia e da Ossétia do Sul, regiões autónomas da Geórgia com fortes pulsões separatistas. A Geórgia alega que apenas interveio militarmente nas regiões autónomas após provocações bélicas de Sukhumi e Tshinkvali.

A ideia de uma grande Rússia tem sido alimentada pelos 25 milhões de russos espalhados pelos vários estados que surgiram na sequência da desagregação da U.R.S.S. e espelha outra característica identitária dos russos hodiernos.

Alguns autores e investigadores têm apelidado Vladimir Putin de neo-imperialista, o que não é totalmente correcto. A ideia de expansão prosseguida por Putin tem mais a ver com a capacitação do *soft power* russo, nas zonas que compuseram o espaço de dominação soviética, do que com a utilização de *hard power* em situações e regiões concretas. A Federação da Rússia de Putin pretende ser um estado forte, mas não um estado pela força o que não implica uma não utilização de forças militares em regiões históricas consideradas “naturalmente eslavas” ou sob égide eslava o tal *near abroad*. É notável destacar que a “manutenção do Executivo presidencial [centrado em Putin] parece ser [a opção] largamente preferida, em relação a uma alternativa como o sistema parlamentar” (Armstrong, 2005, p. 191) que goza de uma baixa popularidade histórica advinda desde a época dos czares.

Vladimir Putin diluiu as três alas que surgem no começo dos anos 1990 em apenas duas, fazendo aproximar os ultraconservadores e unionistas dos neoeurasianistas e eslavófilos. A aproximação, e subsequente integração de ambas as alas, começou em 2005, quando Putin afirmou publicamente que “o colapso da União Soviética foi a maior catástrofe geopolítica do século” (Laruelle, 2009, p. 155), ao mesmo tempo que também se reabilitaram os Romanov bem como vários elementos simbólicos do Império, com seja o caso da bandeira preta, dourada e branca a figurar em vários novos partidos da direita patriótica¹⁵.

A relação com a comunidade judaica e com a comunidade islâmica, esta segunda com cerca de 20 milhões de fiéis dos quais cerca de metade situados no Distrito Federal do Cáucaso Norte, é ambígua uma vez que a identidade nacional russa está ligada de modo estrito com o Cristianismo

¹⁵ Em Julho de 2014 alguns deputados do *Partido Democrático Liberal da Rússia* chegam mesmo a avançar com uma proposta de lei para mudar a actual bandeira russa, fortemente inspirada pelas cores eslavas (branco, azul, vermelho), para o anterior estandarte da era imperial. A iniciativa não avançou, porque não colheu a simpatia do partido no poder (*Partido Rússia Unida*) que controla uma maioria parlamentar estável.

Ortodoxo, que nos últimos anos se tornou numa “arma” essencial do arsenal do *soft power* diplomático do Kremlin. Começando pela comunidade islâmica, se por um lado “a Rússia aceita a natureza semi-tradicional dos regimes pós-soviéticos e não parece obcecada com a sua natureza secular” (Malashenko, 2008, p. 8), por outro lado o combate ao separatismo caucasiano e nas repúblicas de Tuva e Burytia tem sido responsável por um sentimento islamofóbico crescente. O Primeiro-Ministro Dmitri Medvedev tem feito avisos, em reuniões do *Conselho das Nacionalidades*, para que o combate contra os guerrilheiros separatistas não seja razão para uma nova onda de intolerância religiosa.

No que concerne às relações com a comunidade judaica, Moscovo oficialmente é um estado laico, mas existe uma continuidade da desconfiança histórica dos líderes políticos russos para com os crentes do judaísmo. Nas grandes cidades como Moscovo e São Petersburgo o anti-semitismo tem sido utilizado pelos movimentos nacionalistas-extremistas como forma de demonstrar a superioridade sociocultural dos russos, mas isso não deve ser confundido com um sentimento generalizado, entre os *russkyie*, de anti-semitismo violento.

Considerações Finais

De modo a concluirmos o presente artigo refira-se que a evolução dos debates e dos projectos em torno da codificação da identidade nacional russa é hoje assunto de interesse não só na esfera académica e científica, mas também nos círculos políticos. A Federação da Rússia, herdeira do maior império territorial europeu contínuo e filha do comunismo, procura entre a poeira da história recente e as memórias do império antigo compreender a génese do seu povo; a matriz profunda que os une enquanto comunidade com objectivos comuns.

O debate em torno da identidade nacional russa é uma peça importante para se compreenderem as dinâmicas sociais, culturais e políticas da região, tendo em consideração que “a Rússia, hoje, enfrenta a mesma batalha de sempre. Como uma donzela dividida, não sabe a quem pertence o seu coração, se ao Príncipe Europa se ao Príncipe Ásia” (Rego, n.d., p. 330)

ou se constitui uma terceira via (a *Terceira Roma* que despoleta o Messianismo Russófono), um caminho diferente e alternativo que ao mesmo tempo que agrega elementos dos dois blocos civilizacionais, é em si um bloco civilizacional dissemelhante.

A relevância de uma definição consistente de identidade nacional é clara se tivermos em conta que “as identidades nacionais também desempenham funções internas mais íntimas para os indivíduos da comunidade. A mais óbvia é a socialização dos membros como ‘nacionais’ e ‘cidadãos’” (Smith, 1997, p. 31) num processo que dirime incertezas e ao mesmo tempo organiza o espaço social. Neste sentido, é extraordinário verificar como as acções de Putin permitiram não apenas uma aproximação entre ultraconservadores/unionistas e eslavófilos/eurasianistas, mas também permitiram um novo sentimento de redução de incerteza porque Putin mais do que introduzir novidades no domínio geopolítico (como seja o caso da criação da *União Económica Eurasiática*¹⁶), está antes a reconstruir legados perdidos de âmbito interno e socio-cultural.

As acções de Putin parecem querer marcar o reaparecimento da *Nacionalidade Oficial* de Sergei Uvarov com a Autocracia a ser rebaptizada como *Democracia Soberana*¹⁷, a Ortodoxia a reaparecer como forma de diplomacia político-religiosa¹⁸ e a Nacionalidade construída, como vimos, pela fusão da recapacitação do projecto do *povo soviético* e pelo redespertar do patrio-

¹⁶ A União Económica Eurasiática nasceu em Janeiro de 2015 contando actualmente com cinco Estados-membros: Arménia, Bielorrússia, Cazaquistão, Rússia e Quirguistão (que apenas aderiu à UEE em Agosto de 2015). A Mongólia, o Tadjiquistão estão em rota para se tornar estados-membros no curto/médio-prazo. O projecto lançado pelo Kremlin almeja não apenas reconstruir o espaço de influência da União Soviética mas expandir este dando corpo à ideia de uma área de influência de Lisboa a Vladivostoque. Para uma leitura sobre os desafios e oportunidades da *União Económica Eurasiática* recomenda-se: Starr, Frederick and Cornell, Svante (eds.), 2014. *Putin's Grand Strategy: The Eurasian Union and Its Discontents*. Singapore: Central Asia-Caucasus Institute & Silk Road Studies Program

¹⁷ O conceito de *Democracia Soberana* foi conceptualizado por Vladislav Surkov e compreende uma forma de maioritarismo russo-cêntrico que justificará a eliminação da democracia liberal de inspiração jacobina em que todos os indivíduos são entendidos, de modo paritário, na sua singularidade focando-se o regime em conceitos inclusivos como Cidadania. A *Democracia Soberana* actua de modo exclusivista, agindo para proteger um determinado grupo nacional, aproximando-se por isso do conceito de *Democracia Étnica*. Para uma leitura sobre a mutação do regime político na Rússia: Petrov, Nikolai, 2005. *From Managed Democracy to Sovereign Democracy: Putin Regime Evolution in 2005*. Washington: PONARS

¹⁸ É notória a maior acção político-diplomática de Cirilo I, Patriarca e Primaz da Igreja Ortodoxa Russa desde Fevereiro de 2009, no espaço pós-soviético, quando comparado com o seu predecessor Alexy II. Vários analistas têm denotado o facto de Cirilo I actuar quase sempre como uma câmara de ressonância das aspirações do Kremlin de Vladimir Putin.

tismo exclusivista russo-cêntrico, fundido com o messianismo russófono que vê no povo *russkye* o timoneiro do espaço político a que hoje chamamos de pós-soviético.

A mutação fenomenológica e simbólica da identidade nacional na Rússia, sobre a batuta eslava-eurasianista de Vladimir Putin, parece-nos ser menos progressista-imperialista, como por vezes se alega e mais revanchista-revisionista. Vladimir Putin parece ter caído na segunda dicotomia (“passado contra presente”) do fenómeno de *Incompetência Civilizacional*, tal como Piotr Sztompka o descreve. De acordo com o autor “torna-se normal a glorificação e idealização de um tempo passado (...) o tema dominante passa a ser um regresso às instituições e tradições do passado, em vez de se moldarem novas formas para o futuro” (Sztompka, 1993, pp. 90-91). O importante é vingar, se não mesmo reverter, a evolução da História e não deixar que o progresso histórico se torne numa armadilha modernista e evolucionista.

É neste sentido que Vladimir Putin parece ajuizar como irrelevante re-equacionar dinâmicas próximas da *edintsvo* de Khrushchov, ou do Ocidentalismo estratégico do Pedro I; por outro lado, tornou-se central para a Moscovo hodierna um novo olhar sobre a *sblizhenie* pós-Leninista impregnada de um messianismo russófono, pós-*homo sovieticus*, e desenhada para evitar transformar o Ocidente num oxímoro. Afinal é à Rússia de Putin que cabe mediar a construção da tal terceira via que agrega em si elementos do Ocidente e do Oriente; a tal Terceira Roma que não esquece Bizâncio e não ignora a Horda Dourada do Império Mongol e na qual os *russkyie* ocupam o merecido papel de primazia, negado pelo devir histórico pós-Gorbachov.

Reference List:

- Aitamurto, Kaarina, 2016. *Paganism, Traditionalism, Nationalism: Narratives of Russian Rodnoverie*. Londres: Routledge
- Aleksievitch, Svetlana, 2012. *O Fim do Homem Soviético: Um Tempo de Desencanto*. Porto: Porto Editora
- Alexander, John. *The Petrine Era and After, 1689-1740*. In: Freeze, Gregory, 2009. *Russia – A History*. Nova Iorque: Oxford University Press. Capítulo 4
- Anderson, John, 1994. *Religion, State and Politics in the Soviet Union and the successor states*. Cambridge: Cambridge University Press
- Armstrong, John. *Postcommunism and Nationalism*. In: Guibernau, M., Hutchinson, J., 2005. *Understanding Nationalism*. Malden: Polity. Capítulo 9
- Bahry, Donna, 2005. *The New Federalism and the Presence of Regional Sovereignty in Russia*. *Comparative Politics*, Vol. 37, pp. 126-146
- Bassin, Mark. *Lev Gumilev and Russian National Identity during and after the soviet era*. In: Leoussi, Athena, Grosby, Steven (eds.), 2007. *Nationalism and Ethnosymbolism – History, Culture and Ethnicity in the Formation of Nations*. Edinburgh: Edinburgh University Press
- Bassin, Mark, 2003. *Classical Eurasianism and the Geopolitics of Russian Identity*. *Ab Imperio*, Vol. 2, pp. 257-267
- Boym, Svetlana, 1995. *From the Russian Soul to Post-Communist Nostalgia*. *Representations*, Nº 49, Edição Especial: *Identifying Histories: Eastern Europe Before and After 1989*, pp. 133-166
- Brubaker, Rogers, 2009. *Nationalism Reframed – Nationhood and the national question in the New Europe*. Nova Iorque: Cambridge University Press
- Duncan, Peter, 2000. *Russian Messianism: Third Rome, Revolution, Communism and After*. London: Routledge
- Dunlop, John, 2003. *The Faces of Contemporary Russian Nationalism*. Princeton: Princeton University Press
- Englestein, Laura, 2001. *New Thinking about Old Empires: Post-Soviet Reflections*. *Russian Review*, Vol. 60, Nº 4, pp. 487-496
- Figs, Orlando, 2003. *Natasha's Dance: A Cultural History of Russia*. London: Penguin Books
- Gellner, Ernest, 2006. *Nations and Nationalism*. Oxford: Blackwell Publishing

- Hopkirk, Peter, 2006. *The Great Game: On Secret Service in High Asia*. Londres: John Murray Publishers
- Hughes, Lindsey. *Russian Culture in the eighteenth century*. In: Lieven, Dominic, 2006. *The Cambridge History of Russia, Volume II: Imperial Russia*. Cambridge: Cambridge University Press
- King, Charles, 2006. *Black Sea – A History*. Nova Iorque: Oxford University Press
- Lara, António de Sousa, 2002. *Imperialismo, Descolonização, Subversão e Dependência*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
- Laruelle, Marlène, 2009. *In The Name of the Nation: Nationalism and Politics in Contemporary Russia*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan
- Laruelle, Marlène. *Rethinking Russian Nationalism – Historical continuity, political diversity, and doctrinal fragmentation*. In: Laruelle, Marlène, 2009. *Russian Nationalism and the National Reassertion of Russia*. Nova Iorque: Routledge
- Lopes, Tiago Ferreira, 2015. *O Confronto dos projetos nacionais no Cáucaso Norte*. Paris: Nota de Rodapé Edições
- Malashenko, Alexey, 2008. *Russia and the Muslim World*. Carnegie Moscow Center, Working Paper N° 3, pp. 1-25
- Ostrowsky, Daniel. *Russia in War and Revolution, 1914-1921*. In: Freeze, Gregory, 2009. *Russia – A History*. Nova Iorque: Oxford University Press. Capítulo 9
- Ramsel, David. *Pre-Reform Russia, 1801-1855*. In: Freeze, Gregory, 2009. *Russia – A History*. Nova Iorque: Oxford University Press. Capítulo 6
- Rato, Vasco, 2008. À procura da alma de Putin – A Rússia e as eleições americanas. R:I – Relações Internacionais, Vol. 20, pp. 5-16
- Rego, Helena Cristina, *sem dados*. *A Nova Rússia*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
- Schmidt, Matthew, 2005. *Is Putin pursuing a policy of Eurasianism?* Demokratizatsiya: The Journal of Post-Soviet Democratization, Vol. 13, N° 1, pp. 87-100
- Smith, Anthony, 1997. *A Identidade Nacional*. Traduzido do inglês por Cláudia Brito. Lisboa: Gradiva
- Sony, Ronald Grigor and Martin, Terry, 2001. *A State of Nations: Empire and Nation-Making in the Age of Lenin and Stalin*. Oxford: Oxford University Press
- Stampek, Piotr, 1993. *Civilizational Incompetence: The Trap of Post-Communist Societies*. Zeitschrift für Soziologie, Vol. 22, N° 2, pp. 85-95

- Tolz, Vera, 1998a). *Forging the National Identity and Nation Building in Post-Communist Russia*. Slavic Review, Vol. 50, N° 6, pp. 993-1022
- Tolz, Vera, 1998b). *Conflicting "Homeland Myths" and Nation-State Building in Postcommunist Russia*. Slavic Review, Vol. 57, N° 2, pp. 267-294
- Vujacic, Veljko. *Stalinism and russian nationalism – A reconceptualization*. In: Laruelle, Marlène, 2009. *Russian Nationalism and the National Reassertion of Russia*. Nova Iorque: Routledge
- Wasserstein, Bernard, 2007. *Barbarism & Civilization – A History of Europe in our time*. New York: Oxford University Press
- Ziegler, Charles, 2009. *The History of Russia*. California: Greenwood Press